

TÍTULO:

Narrar histórias em sala de aula: onde a voz do narrador, do professor e do aluno se encontram.

AUTOR : Teresinha Targa Bertolli

Enquanto estamos dentro do conto, experimentamos a certeza de que valores humanos fundamentais como a dignidade, a beleza, o amor e a possibilidade simbólica de nos tornarmos reis permanecem vivos em algum lugar, dentro de nós. (MACHADO, 2004, p. 15)

APANHADO

Esse artigo tem como desejo refletir acerca de uma experiência de narração de histórias em escola pública, precisamente na Sala de Leitura da EMEF CEU Parque Anhanguera DRE Pirituba/Jaraguá. A pergunta que percorre essa experiência é: onde a voz do narrador, do professor e do aluno se encontram?

Para desenvolver esse trabalho, busquei autores como Walter Benjamin, Maria de Lourdes Patrini, Regina Machado, Isabel Solé, Delia Lerner e Elie Bajard, que me orientaram no sentido de perseguir onde estava a voz do narrador, do professor e do aluno na arte de contar histórias. Busquei, ainda, narrativas de alunos a partir de uma experiência de narração realizada com histórias de tradição oral dos contos populares de Luis da Câmara Cascudo e Ricardo Azevedo. Durante o percurso dessa pesquisa, cheguei a conclusão de que, ao nos entregarmos às narrativas, descobrimos uma voz que não está localizada no aluno e nem no professor exclusivamente, mas está entre, sendo uma voz que desperta a atenção dos ouvintes, que ressoa os corpos, que transporta público e narrador para uma realidade comum, os fazem partilhar sentidos, mesmo que por instantes.

Palavras Chave: Narrar – Sala de aula- Professor – aluno -Vozes – Histórias

1. O PRINCÍPIO

Quando recebi por e-mail uma chamada para o curso: *A Arte de Contar Histórias: Abordagens poética, literária e performática*¹, surgiu em mim a necessidade em conhecê-lo. Como professora Orientadora de Sala de Leitura da EMEF CEU Parque Anhanguera, da rede municipal de ensino, tenho muito interesse em descobrir estratégias diferentes para ministrar minhas aulas e aguçar a curiosidade dos alunos para a literatura. Nesse sentido, esse curso seria propício para dar legitimidade e visibilidade ao meu trabalho em sala de aula.

Estudando o módulo I- Fundamentos da Arte de contar histórias, ministrado pelo Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira, percebo que muito além das estratégias que procurava o curso oferece um espaço para pensar a formação do contador de histórias na atualidade e começo a mudar o meu olhar sobre ele. Sua ementa diz:

serão abordados temas como: conceitos de experiência, acontecimento e ato narrativo, as relações históricas e filosóficas entre as categorias do pensamento Memória e Imaginação; as representações da infância e seus impactos nas consolidações de repertórios e formatos públicos de sessões de contos; uma reflexão histórica dos movimentos de renovação do conto ao redor do mundo e do Brasil (sobretudo dos anos 2000 para frente); o Contador de Histórias e a importância da elaboração conceitual e prática destas vozes na composição do narrador... (Cronograma das Aulas- 9º Edição- 1º Semestre de 2016).

Neste contexto, ao tomar consciência das possibilidades e da amplitude que o curso oferece, fico entusiasmada em compreender e estudar melhor essa arte. Começo me observando nas aulas direcionadas às narrativas para saber onde está esse narrador em mim. Ao mesmo tempo, decido realizar um trabalho de narrar histórias com meus alunos dos sextos anos, na intenção de encontrar e observar o narrador que existe em cada um deles. Início assim um trabalho de investigação das práticas narrativas em sala de aula, precisamente na Sala de Leitura da EMEF CEU Parque Anhanguera. Queria descobrir onde estava a voz da professora, a voz da narradora e a voz dos alunos no desenrolar das aulas de leitura. Selecionei, para realizar esse trabalho, os contos de tradição oral compilados por Luís da Câmara Cascudo e Ricardo Azevedo que já fazem parte do repertório dos alunos.

A arte de contar histórias... Isso se aprende? Isso é um dom? Quem são os narradores de histórias? Onde eles estão? Para que/quem contam? Onde encontrar esse narrador? Junto destas indagações, começo a prestar atenção nas ações de leituras desenvolvidas por mim. Percebo que meu trabalho está pautado fundamentalmente nas estratégias didáticas de leitura, seja ele subsidiado pelos Parâmetros Curriculares da Secretaria de Estado da Educação do Estado de São Paulo- que são: antecipação; inferência; crítica; transformação; extrapolação e manifestações de emoções dos diversos tipos de gêneros literários; seja pautado nos teóricos que trazem sua contribuição para a importância do papel do professor na formação de leitores.

Segundo Isabel Solé no seu livro *Estratégias de Leitura* (1992), o papel do professor no trabalho com a leitura é fundamental, pois ele ajuda a formar leitores

¹ FACON- Faculdade de Conchas- Pólo A Casa Tombada situada à rua Ministro Godói, 109- Perdizes São Paulo, SP.

competentes. Para ela, *o ensino das estratégias de leitura ajuda o estudante a aplicar seu conhecimento prévio, a realizar inferências para interpretar o texto e a identificar e esclarecer o que não entende*, entrevista dada a Revista Nova Escola (2018).

Além disso, Delia Lerner em seu livro *Ler e escrever na escola- o real, o possível e o necessário*, diz:

Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita... (2002, p.73)

Estas referências favoreceram durante muito tempo meu trabalho em sala de leitura e eu sempre acreditei que este seria o caminho para fazer com que os alunos adentrassem no mundo da leitura, porém, a prática cotidiana não me dizia isso, uma vez que não existia interesse, por parte dos alunos, na procura pelos livros.

Eis que surge, neste percurso, a oportunidade de buscar outras estratégias, outros modos de se envolver com a história, chegando até o curso: *A Arte de Contar Histórias* oferecido pela Faculdade de Conchas, pólo A Casa Tombada -SP.

Ao verificar o conteúdo das aulas, vejo que mais do que estratégias de leitura, estudaremos os fundamentos da arte de contar histórias, a poética e a retórica do corpo na narração oral, a partilha de experiências: a presença da música e da canção na performance narrativa e muitas outras temáticas.

Sendo assim, escolhi para o meu trabalho na Sala de Leitura seguir a metodologia de uma disciplina que cursei chamada: *Performance Narrativa: O corpo, o objeto, o texto*, ministrada professora Especialista Simone Grande que contribui para o desenvolvimento das narrativas a saber: leitura aprofundada do texto observando os personagens, as imagens, as repetições e o enredo da narrativa; pesquisa de sons, cores, imagens e cheiros, para saber o que sentimos, vimos e ouvimos com a história; divisão do texto em ações e movimentos e, por fim, contar a história.

Após essa experiência, meu objetivo com esse texto é relatar e refletir sobre o vivido, abordando as vozes do professor e do aluno como narradores, capazes de, pela oralidade, ampliarem as possibilidades do trabalho com a leitura em Sala de Leitura. Trata-se de entrar numa atmosfera em que se partilha sentidos comuns, contar fatos e evocar a escuta. Isso não é tarefa fácil nem para o professor e nem para o aluno, porque o narrador tem um público que o assiste, ou seja, está em constante interação com a platéia, e isso o afeta. Ele olha para o público, para o vivo e tem que lidar com situações adversas que podem ocorrer durante a narrativa. Porém, a voz do narrador, chama a história para que as pessoas façam o percurso com ele. Tarefa que exige habilidade, descontração, desinibição, memorização. Para uns muito fácil, para outros, um grande desafio.

2. AS NARRATIVAS:

Começo ressaltando a importância da narrativa e a ameaça de extinção discutida por Benjamin (1986), no capítulo – O Narrador, onde ele diz que a arte de narrar está em extinção, porque é cada vez mais raro encontrar pessoas que consigam narrar devidamente. Ele ressalta que:

(...) a narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão- no campo, no mar e na cidade – é ela, própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si “da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso...(BENJAMIN, 1986, pg. 205)

Ao falar sobre o narrador, seu ofício, sua ligação com o trabalho manual, o autor nos lembra da importância da sabedoria, e principalmente, nos lembra o quanto esse conceito está desaparecendo. Ele diz que *a arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção.* (BENJAMIN, 1986, p. 200). E destaca dois indícios da evolução que culminarão na morte da narrativa: o romance e a informação e explica que o romance, diferente da narrativa, está ligado ao livro, não procede da tradição oral. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não recebe conselhos nem sabe dá-los. A informação é mais ameaçadora e provoca uma crise no próprio romance. Diferentemente da narrativa, cujo saber vinha de longe, a informação pede uma verificação imediata. Só tem valor no momento em que é nova. Para Benjamin, é essa sabedoria que está se perdendo com o passar do tempo.

Pensando nas palavras de Benjamin, busco explicações para o narrador que existe em mim enquanto professora e nos alunos enquanto protagonista das narrativas. Escolhemos para desenvolver o trabalho as histórias de tradição oral compilados por Luís da Câmara Cascudo e Ricardo Azevedo, que nos remete à sabedoria popular; lendo-as, estudando-as, observando-as, ouvindo-as, incorporando-as, para dar-lhes vida e partilhar sentimentos comuns.

Aprendemos a não ter medo de errar e esquecer o texto porque a história está intrínseca em nós. Quando emanamos a voz do narrador, narramos histórias que nos tocam e tocam os sentimentos das pessoas. A narrativa flui e transporta público e narrador para uma realidade comum.

Na escola, contamos histórias para ouvir e compartilhar um momento de prazer, de lazer, não simplesmente, utilizando-as como educativas. É neste lugar que podemos criar um momento para saborear o texto e dar-lhe vida. Por outro lado, a narração de história para o público, seja ele criança, jovem ou adulto é, com certeza, uma das primeiras maneiras de transmitir conhecimento e estimular a imaginação das pessoas. Por essa razão, a prática de contar histórias na escola pode ser uma grande aliada na formação do indivíduo.

Regina Machado, em seu livro *Acordais* (2004), diz que contar histórias para uma turma de adolescente fez com que ela buscasse descobrir, investigar *o que acontece quando alguém conta uma história, que efeito é esse que une as pessoas numa experiência singular* (p. 20-21).

Ela diz isto porque havia uma concentração, um silêncio, uma energia tão positiva na aula que resultou em aprendizagem significativa para uma classe de alunos de Ensino Médio. Esse comportamento a levou a investigar o poder que as histórias exercem aos ouvintes, neste caso específico, os alunos.

Está posto que narrar e ouvir histórias faz bem às pessoas, mas de onde vem essa arte ?

Maria de Lourdes Patrini em seu livro *A renovação do conto* (2005), pesquisou e demonstrou que a prática do contador de histórias esteve quase que desaparecida na sociedade, ressurgindo novamente a partir dos anos 60, com uma nova maneira de ver e ouvir esse contador. Na terceira parte do livro, ela destaca a oralidade e a arte de contar revelando os valores da tradição oral e da memória coletiva do povo. Patrini diz:

Contar é prática antiga. Nós encontramos tal prática em todas as partes do mundo, afirmam os poetas e os profetas. A literatura oral transmite de indivíduo a indivíduo, de povo a povo o conto que se constituiu em algo indispensável à vida e que os homens, através dos tempos, selecionaram pela experiência. (2005, p. 105)

A arte de contar histórias é a prática mais antiga do homem e, conseqüentemente a oralidade foi e é uma das grandes propagadoras de muitas culturas no mundo. Através dela expressamos sentimentos, conhecimentos, experiências e aprendemos a lidar com situações adversas do nosso cotidiano, como por exemplo: a verdade, a justiça ou a injustiça, os costumes de cada região, a morte, enfim. Talvez seja essa a razão do silêncio encontrado no público quando se ouve uma história.

Mas os contadores de histórias não se utilizam da leitura ou, simplesmente da fala/oralidade para contar algo, porque o ato de contar, ouvir e ler histórias reúne e aproxima pessoas para compartilhar aventuras, medos, angústias e também finais felizes. Os contadores usam as suas habilidades como entonação, gestos, olhares e fazem com que a história contada pareça estar ali, diante dos olhos daqueles que ouvem.

Elie Bajard em seu livro *Ler e Dizer- Compreensão e comunicação do texto escrito* (2005) traz uma clara diferença entre a leitura oralizada e o dizer. Para ele, o dizer além da língua, traz outras linguagens: o olhar, o gesto, o espaço. O dizer tem como objetivo a comunicação. Segundo Bajard (2005, p. 75), a leitura é a atividade silenciosa em que se constrói o sentido a partir da decodificação dos sinais gráficos. Já

o dizer, conforme ele, é uma atividade de comunicação vocal de um texto que já existe.

Foi essa experiência que eu trouxe para as aulas de leitura, o de reviver as histórias através do dizer, de instigar a curiosidade, de provocar, de afetar e alterar os sentimentos dos contadores e público. Para isso, busquei os contos de tradição oral de Luís da Câmara Cascudo e Ricardo Azevedo e propus aos meus alunos dos sextos anos um trabalho de narrar histórias.

Narrar? Por que narrar? Porque a narrativa ganha vida na voz do narrador; as histórias vivem, transcendem o tempo e precisam ser contadas. O professor pode fazer isso e o aluno também, mas não pode ser qualquer história. O narrador, antes de tudo, necessita estabelecer uma relação amorosa com a mesma, ter afinidade... Gostar, adorar, rir, se emocionar, torcer por ela. Tudo isso faz parte do repertório e, para que a narrativa aconteça, exige-se um estudo técnico das mesmas, iniciando, por exemplo, pela seleção das histórias.

Regina Machado diz:

(...) quando um professor se dispõe a trazer um conto para seus alunos, pode estabelecer um contato com eles, poderíamos dizer, de imaginação para imaginação, no qual esta mesma qualidade viva se apresenta de modo insubstituível". (2004, p. 34.)

Pensando na relação professor e alunos, o narrador é uma outra voz. A voz que promove aproximação de ambos, que harmoniza... Não é uma voz que ensina e aprende, mas que troca, que aguça a imaginação, que surpreende, que faz com que a história esteja viva independentemente da época em que surgiu. No trabalho proposto para narração de histórias, busquei trazer os contos populares compilados por Luis da Câmara Cascudo e Ricardo Azevedo, que já faziam parte do repertório dos alunos. Eles escolheram as histórias, adentraram-na, incorporaram-na e viveram o enredo. E, ao ouvi-los, eu percebi que era uma outra voz que não a deles; mas sim a voz da criança vivendo as aventuras de Pedro Malazartes, a voz que sensibilizava com o desencontro amoroso de *Coco verde e Melancia*, entre outros. Assim,

o texto deixa de ser uma sucessão de palavras no espaço do papel e passa habitar o narrador, ou o leitor, constituindo um mundo de infinitas melodias. São essas sonoridades que emanam da experiência interna do narrador, as que conduzem os ouvintes e os convidam a percorrer a história que esta sendo contada, permitindo que eles também respirem com ela.(MACHADO, 2004, p. 56).

É fato que narrar histórias promove o encontro entre as pessoas. Neste trabalho, o encontro é entre o narrador, o professor e os alunos. Onde essas vozes se encontram?

Não tenho uma resposta exata para essa pergunta, mas tenho caminhos que podem me levar a algumas delas. A própria transformação da voz do professor e do aluno quando assumem o papel de narradores é um indicador de que há uma outra pessoa que está ali. É o poder de transformar e dar vida à história, que é feita com uma intenção e que precisa ser trabalhada, estudada, afim de ressoar nos ouvintes emoção e sensibilidade.

Fui ouvir os alunos para saber como havia sido esse processo de narrar para eles e trago aqui alguns relatos:

Lohany, 11 anos:

Adorei a história porque era engraçada, divertida. Porém a preparação para o festival² me deixou muito ansiosa, nervosa. A história era empolgante e estimulante, mas a interpretação foi difícil. O que ajudou foi que a professora disse que nós podíamos criar, caso precisasse, pois nós conhecíamos a história os ouvintes não e isso me deu confiança.

A apresentação para os alunos da EMEI foi mais tranquilo, gostoso. Me soltei e entrei na história. Para os adultos fiquei mais preocupada e isso atrapalhou.

Bianca, 11 anos:

Entre em desespero quando estava chegando perto do festival. Tinha medo de não lembrar a história porque era muito longa, mas a professora me disse que eu estava bem e eu ensaiava em casa contando para os meus pais e fui adquirindo confiança. Adorei vencer esse desafio.

Letícia, 11 anos:

Eu queria contar a história. Ela era muito legal e não era difícil, mas eu tinha medo de esquecer na hora. Então comecei a contar correndo e a professora foi fazendo com que eu percebesse que daquele jeito ninguém ia entender a minha história. Meu receio era contar para os alunos mais velhos e para os adultos. Depois da apresentação fomos contar na EMEI. Daí eu me soltei e tive coragem. Não fiquei nervosa e nem com vergonha. Adorei, professora.

João, 11 anos:

Para mim teve um misto de sentimentos: raiva, inquietação, sofrimento. Mas eu queria contar. Consegui ensaiar, porém, no momento do festival, tive um ataque de risos incontrolável e não consegui me apresentar. Foi frustrante...

² FESTIVAL: Foi realizado um festival de Contação de Histórias de Tradição Oral _ Histórias que o Povo Conta_ , no teatro do CEU Parque Anhanguera para alunos da EMEF do CEU Parque Anhanguera do Fundamental I e II e também para a família dos alunos narradores.

Daniel, 11 anos:

Fiquei muito ansioso e não via a hora de começarmos o festival. Foi lindo!!! Nós conhecíamos a maioria dos contos. Já havíamos ensaiado na classe, mas no festival foi diferente. Todo mundo se preparou e contou a história como se estivesse falando mesmo com ela. Eu adorei.

Percebi pelos depoimentos dos meus alunos que o nervosismo, a ansiedade, o medo e a coragem fazem parte da arte de contar histórias e esses sentimentos comungam com os meus. Quando ouvimos a voz do narrador é que público, professor e alunos se emocionam e se transportam para uma realidade comum.

3. A DESPEDIDA

Esse relato de experiência aqui apresentado buscou realizar uma reflexão acerca da potência do trabalho com narração de histórias de tradição oral em Salas de Leitura. E, pode-se chegar ao final dessa experiência com a seguinte afirmação: narrar histórias tornam as aulas mais interessantes.

Porém, ainda assim, é necessário retornar à questão inicial: onde o narrador, o professor e o aluno se encontram?

Ao observar, analisar e refletir sobre essas vozes, percebo que nós somos os protagonistas das histórias, com nosso jeito único de narrar porque adentramos no íntimo do conto e trabalhamos texto, corpo e voz. Um grande desafio para uma professora de Sala de Leitura acostumada a trabalhar com estratégias de leitura e, de repente, descobre com o texto de Benjamin que a arte de narrar é uma relação artesanal, que vem da própria experiência de narrar fundamentada na sabedoria dos povos, via de extinção (BENJAMIN, 1986, pg. 205)

No desenrolar desse trabalho, as vozes foram se revelando. O fato é que algo acontece nessas narrativas que deixam as pessoas mais próximas, íntimas. A confiança e a leveza com que as aulas foram se desenvolvendo tornaram-na mais atrativas, empolgantes e a relação professor/aluno tornou-se muito mais acessível. Assim, descobrir o narrador que existe em cada um de nós foi fundamental para a relação de parceria e afetividade entre aquele que conta e aquele que ouve.

Existe um repertório próprio no modo de contar, nos detalhes de como se conta uma história e que fundamenta o trabalho da professora e dos alunos. A entonação da voz, gestos, olhares, movimentos são passíveis de serem construídos pelo narrador e, portanto, se encontram.

Narrar histórias é incentivar a imaginação e transitar entre a ficção e a realidade. Ao escolhermos uma história para ser narrada, tomamos para nós a

experiência do narrador e de cada personagem existente, fazemos isso para que possamos ampliar nossa experiência de vida por meio da narrativa do autor. Tudo o que acontece na história: os fatos, as cenas, os contextos, estão no plano da imaginação, porém, os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real.

O grande desafio é o narrador transformar a narração oral numa experiência artística. Se apropriar da voz trazendo a beleza das histórias e também o poder e valor que elas exercem, enriquecendo desta maneira, a trajetória de cada um. Ele, o narrador, antes de mais nada deve ser um grande leitor para que possa se preparar, previamente, para narrar suas histórias.

Para finalizar, retomo Benjamin dizendo que o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos porque pode recorrer ao acervo de toda uma vida, que inclui a própria experiência e a experiência alheia, é o homem que poderia deixar luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha da sua vida. E, por fim, *o narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo.* (BENJAMIN, 1986, pg. 221.)

4 - REFERÊNCIAS:

BAJARD, Elie. *Ler e Dizer: Compreensão e comunicação do texto escrito*. São Paulo: Cortez, 2005.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2013.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986b. (Obras Escolhidas, v. 1)

LERNER, D. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MACHADO, Regina. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.

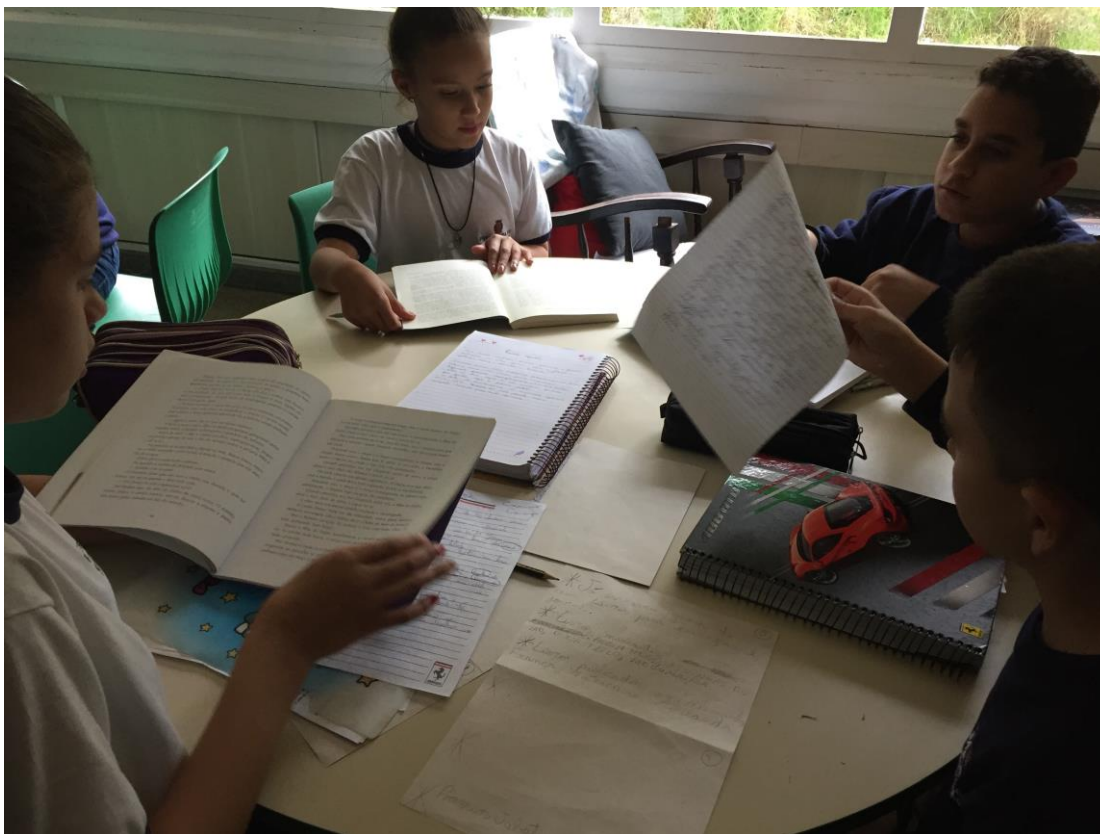
PATRINI, Maria de Lourdes. *A renovação do conto: Emergência de uma prática oral*. São Paulo: EDITORA?, 2005.

SOLÉ, I. A leitura exige motivação, objetivos claros e estratégias. *Nova Escola*: 07 mar. 2018. Entrevista concedida a Rodrigo Ratier.

ANEXO:



As Narrativas: Processo de escolha das histórias pelos dos alunos para a narração de histórias.



Processo de estudo das histórias.





Elaboração e preparação para a apresentação das narrativas:
Confecção de tapetes bordando fatos importantes das histórias.





O encontro das vozes:

Existe um repertório próprio no modo de contar, nos detalhes de com se conta uma história e que fundamenta o trabalho da professora e dos alunos. A entonação de voz, gestos, olhares, movimentos são passíveis de serem construídos pelo narrador e, portanto, se encontram.